

ARTIGOS

A "Voz" do Visual na Memória
Barbie Zelizer

Misturas nas imagens:
Algumas propostas de (des)arrumação
Isabel Calado

Fotojornalismo no Brasil:
Um percurso histórico
Marialva Barbosa e Silvana Louzada

Narrativas do cotidiano nas favelas do Rio de Janeiro:
Tentativas de construção de valores-notícia alternativos pelos fotógrafos populares
Alice Baroni e Leonel Aguiar

Quando a capa da newsmagazine é feminina
Carla Cardoso

A fotografia e o reforço do estigma
Maria José Brites

As imagens da ajuda ao desenvolvimento:
O que a imprensa mostra sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio
Sónia Lamy

A dor e o sofrimento no Fotojornalismo:
Estudo de caso do World Press Photo of the Year (1955-2008)
Janaina Barcelos

Crónica
Silêncios do mundo:
Algumas notas sobre imagem e jornalismo
Joana Pontes

Apoios:


PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Secretaria de Estado da Cultura

**DG
LB**
DIREÇÃO GERAL
DO LIVRO E DAS
BIBLIOTECAS

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
subsistância na educação e cultura

Edição

 Mariposa Azul

Media&Jornalismo

Revista do Centro de Investigação Media e Jornalismo

N.º 20, Vol. 11, N.º 1 - Primavera/Verão 2012

IMAGENS E JORNALISMO



CIMJ centro de investigação media e jornalismo

Media&Jornalismo

FICHA TÉCNICA

MEDIA&JORNALISMO
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO MEDIA E JORNALISMO

N.º 20, Vol.º 11, N.º 1 – Primavera / Verão 2012

UMA PUBLICAÇÃO DO

Centro de Investigação Media e Jornalismo

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN

1645-5681

DEPÓSITO LEGAL

186314/02

TIRAGEM

500 Exemplares

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Europress

DESIGN, PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Mariposa Azul

PEDIDOS

Mariposa Azul
www.amariposa.net
mail@amariposa.net
964 118 744

ÍNDICE

EDITORIAL.....05

APRESENTAÇÃO | MARIA JOSÉ MATA.....07

ARTIGOS

A "VOZ" DO VISUAL NA MEMÓRIA | BARBIE ZELIZER.....19

**MISTURAS NAS IMAGENS:
ALGUMAS PROPOSTAS DE (DES)ARRUMAÇÃO** | ISABEL CALADO.....43

**FOTOJORNALISMO NO BRASIL:
UM PERCURSO HISTÓRICO** | MARIALVA BARBOSA E SILVANA LOUZADA.....61

**NARRATIVAS DO COTIDIANO NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO:
TENTATIVAS DE CONSTRUÇÃO DE VALORES-NOTÍCIA ALTERNATIVOS
PELOS FOTÓGRAFOS POPULARES** | ALICE BARONI E LEONEL AGUIAR.....77

QUANDO A CAPA DA NEWSMAGAZINE É FEMININA | CARLA CARDOSO.....91

A FOTOGRAFIA E O REFORÇO DO ESTIGMA | MARIA JOSÉ BRITES.....105

**AS IMAGENS DA AJUDA AO DESENVOLVIMENTO:
O QUE A IMPRENSA MOSTRA SOBRE OS OBJECTIVOS
DE DESENVOLVIMENTO DO MILÉNIO** | SÓNIA LAMY.....123

**A DOR E O SOFRIMENTO NO FOTOJORNALISMO:
ESTUDO DE CASO DO *WORLD PRESS PHOTO OF THE YEAR (1955-2008)***
| JANAINA BARCELOS.....139

CRÓNICA

**SILÊNCIOS DO MUNDO:
ALGUMAS NOTAS SOBRE IMAGEM E JORNALISMO** | JOANA PONTES.....155

RECENSÕES.....169

ABSTRACTS.....185

Textos escritos conforme o novo Acordo Ortográfico

GIL, ISABEL CAPELOA (2011).

Literacia Visual. Estudos sobre a Inquietude das Imagens,
Lisboa: Edições 70.

FILIPA SUBTIL

ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA (ESCS-IPL)
CIMJ- CENTRO DE INVESTIGAÇÃO MEDIA E JORNALISMO

Literacia Visual. Estudos sobre a Inquietude das Imagens é um livro de Isabel Capeloa Gil, publicado em maio de 2011, na coleção Arte & Comunicação das Edições 70, com o patrocínio da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa.

A autora é, desde 2005, diretora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Lisboa, instituição onde realizou estudos de pós-graduação (mestrado e doutoramento) em língua e cultura alemãs. A trajetória de investigação de Isabel Gil tem-se focalizado nas áreas da literatura e cultura alemã, teoria da cultura, culturas visuais e estudos de género. *Literacia Visual* resulta do interesse que Isabel Gil demonstra pelo poder cultural das imagens na era dos aparelhos tecnológicos e, em particular, como afirma na apresentação do livro, na "procura infinda de uma legibilidade estratégica das imagens" (p. 8).

A nossa envolvência crescente num cosmos de imagens produzidas pela reproductibilidade técnica tem levado, desde há três décadas, a um amplo questionamento sobre o lugar ocupado pela visualidade na tradição ocidental. Vários teóricos têm vindo a afirmar que vivemos hoje numa "sociedade da imagem". Nota-se um deslocamento das ciências humanas, até há pouco tempo obcecadas pelo discurso, para o problema da imagem. Nas artes, nas humanidades e nas ciências sociais, em particular nos estudos de comunicação e cultura, existe já um acervo de reflexões e investigações dadas a conhecer em livros e publicações periódicas dedicadas em exclusivo a esta temática (entre outras, ver Boorstein, 1962; Bougnoux, 2006; Debray, 1992; Didi-Huberman, 2012; Hariman e Lucaites, 2007; Huyghe, 2009; Jay, 1993; Jay e Brennan, 1996; Mitchell, 2005, 1994, 1980; Pollock e Bryant, 2010; Smith, 2008; Stoichita, 2011; van Dijck, 2003, Warburg, 2011; e Zelizer, 2010, 1998; veja-se ainda o *Journal of Visual Culture*, editado desde 2002). O meio intelectual e universitário português tem vindo também a acompanhar esta tendência, sendo disso exemplo os trabalhos de José Gil (*Salazar: a Retórica da Invisibilidade*, 1995; e *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções*, 1996), João Mário Grilo (*As Lições do Cinema*, 2003; *O Livro das Imagens 1997-2003*, 2004) e a organização, por parte de José Carlos Abrantes, da obra *A Construção do Olhar* (2005), a que se junta agora este livro de Isabel Gil.

No universo das meditações sobre a visão e a visualidade, Isabel Gil não prossegue o discurso, bem vincado no pensamento francófono mas não só, que coloca o visual sob um manto de suspeição. Na verdade, uma parte significativa do pensamento francês do século XX inclina-se para uma disposição marcadamente antvisual ou, dito de outro modo,

está incrustado de uma forte desconfiança relativamente à visão e ao seu papel hegemónico na era moderna. Como bem revela Martin Jay, em *Downcast Eyes. The Denigration of Vision in Twentieth-Century French Thought* (1993), encontra-se no pensamento francês um vasto *corpus* de argumentos, metáforas, asserções e juízos mais ou menos ligados que demonstram uma profunda reserva relativamente ao que acreditam ser o potencial ilusório das imagens, o carácter fictício das imagens artificiais, que só podem ser simulações da verdade; e o uso de noções como sociedade espetáculo e simulacro. Estes epítetos, reveladores de um discurso antvisual muito amplo, encontram-se nas obras de artistas, críticos e teóricos destacados. Muitos intelectuais franceses do século XX foram sensíveis à importância do visual e mostraram-se não menos desconfiados das suas implicações. Embora as reflexões sobre o visual sejam distintas entre os vários autores, parece ser evidente que o "ocularcentrismo" despertou uma desconfiança generalizada. Podem ser referidas a crítica de Bergson à espacialização do tempo, a celebração de Bataille do sol que cega e do corpo acéfalo, o desencanto de Bergson pelo olho selvagem, a descrição de Sartre do sadomasoquismo do "olhar", a crença de Merleau-Ponty numa ontologia da visão e o descrédito do eu proporcionado em Lacan pelo estádio do espelho, as diatribes de Foucault contra o "olhar" médico e a vigilância do panóptico, a crítica de Debord à sociedade do espetáculo, a relação que Barthes estabelece entre a fotografia e a morte, a análise minuciosa de Metz do regime escópico do cinema, a dupla leitura de Derrida da tradição filosófica especular e da mitologia branca, o ataque de Irigaray ao privilégio do visual na ordem patriarcal, a afirmação de Levinas de que as raízes visuais da ontologia são um impedimento à ética e a identificação da pós-modernidade com a sublimação do visual enunciada por Lyotard põem em evidência, para dizê-lo de forma branda, uma perda de confiança no que então fora "o mais nobre dos sentidos" (Jay, 1993: 588).

Apesar de não ignorar alguns dos tópicos desta tradição da suspeita perante o fenómeno da imagem, Isabel Gil manifesta uma atitude que procura um equilíbrio entre o espanto, o fascínio e a crítica. A autora fala de "paixão pelas imagens e pelo seu mistério", "da perplexidade pela infinita incompletude que resulta da compulsão de lhes dar sentido" (p. 7) e não esquece que a imagem, sendo cultura e retórica, é também o terreno "da transparência mitificadora dos dispositivos" (p. 7). São convocados autores tão distintos como Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire, Walter Benjamin, Ludwig Wittgenstein, Robert Musil, Spike Lee, J. M. Coetzee, Ernst Jünger, Martha Rosler, Barbie Zelizer e Slavoj Žižek. A ambição é dar passos numa nova literacia que potencie a compreensão dos dispositivos de olhar, das estratégias de poder constituintes das esferas de visibilidade e invisibilidade e o esclarecimento dos domínios que se refratam por meio dos dispositivos tecnológicos da imagem. *Literacia Visual* está dividido em duas partes, cada uma delas integrando seis ensaios, pela primeira vez publicados em língua portuguesa, depois de edições em inglês e alemão.

A Parte I, intitulada "Dispositivos do Olhar", inicia com um texto dedicado à problematização do conceito de literacia visual e à apresentação de um conjunto de reflexões estratégicas para a pensar. Isabel Gil argumenta que o conceito de literacia visual é "enigmático, algo perturbador e incongruente até" (p. 12). Sustenta que "a visão não é uma

característica biológica e natural que funciona de modo idêntico em indivíduos saudáveis, mas que a potencialidade biológica é condicionada pelo enquadramento sócio-cultural. É assim que a experiência visual se afigura sobretudo uma experiência representacional" (p. 13). Nesta perspetiva, apoia-se em Wittgenstein para quem, como afirma, "o constrangimento social da cena da visualização é uma das formas de legitimar a multividência da percepção, quer aquela seja determinada por pré-conceitos valorativos, éticos ou políticos, ou ainda quer resultem do treino epistemológico, como é o caso das imagens médicas (...). Aquilo que vemos é afinal o que podemos ali interpretar, ou, de outra forma, vemos o que queremos e sabemos ver" (pp. 13, 14). Num esforço de aprofundamento conceptual, a literacia visual é pensada como "conceito-em-curso, a fazer-se (...) a literacia visual é multividente, renegociando-se em contexto, ou, dito de outro modo, a literacia visual é um transconceito que se socorre da vocação hermenêutica da interpretação textual, articulando-a com a ancoragem sócio-histórica, própria da abordagem historicista, mas simultaneamente valorizando a especificidade sógnica do meio visual, se bem que sem deixar de considerar o modo como esta remedeia *media* anteriores ou mesmo posteriores (...). A literacia visual designa assim simultaneamente uma competência e uma estratégia" (pp. 14, 15).

Nos restantes cinco ensaios da Parte I, Isabel Gil sugere reflexões valiosas sobre tópicos relacionados com a cultura visual europeia entre o século XIX e o século XXI: como Allan Poe traça a genealogia de um mundo que não se quer visível e que constitui o reverso do paradigma visual eufórico (cap. 2); sobre o fetichismo visual de Baudelaire e Benjamin, focando os sapatos enquanto objeto de poder, cultura e sedução (cap. 3); o problema da consciência social da narrativa textual de Benjamin e da narrativa fílmica de Spike Lee sobre as cheias do Mississippi de 1927, onde a catástrofe surge enquanto ficção restauradora da ordem após a eclosão da violência, mas também na sua metareflexividade como produto da cultura e contributo da tarefa construtiva da estética para o processo cultural (cap. 4); o imperativo ótico da modernidade até à emergência do *homo mediatius* da pós-modernidade em que o olhar já não é metáfora legitimadora, mas sim um mecanismo de triagem comandado por relações de poder políticas, culturais e económicas (cap. 5); e, finalmente, do corpo enquanto lugar de uma contra memória encarnada, de uma percepção alternativa, ao corpo enquanto derradeira superfície desta escritura visual (cap. 6).

A Parte II, sob o título "Visualidade e Violência", tópico que atravessava já o quarto ensaio da Parte I, inclui textos que estabelecem uma relação entre os regimes óticos e a violência das sociedades contemporâneas. Os exemplos escolhidos para análise, especialmente oriundos da fotografia e do cinema, questionam, por um lado, como a guerra e a violência "são resultado de modos culturais de ver" (p. 29) e, por outro, como "a cultura contemporânea se tem formado a partir de negociações claras com a violência e as guerras que têm devassado o mundo nos últimos cem anos" (*idem*). A partir da análise da retórica visual da catástrofe em Jünger, presente nos seus livros de fotografia da época de Weimar, a autora mostra como estes "educam o observador numa literacia do desastre que utiliza a fotografia como *medium* tecnológico para produzir sujeitos dóceis para um espetáculo emergente de opressão e morte" (cap. 1); a possibilidade de uma leitura re-

sistente da narrativa fílmica na forma de uma apropriação inversa, através do exemplo do cinema nazi e sua articulação com o que se produzia em Portugal nos anos de 1940 (cap. 2); o modo como o cinema americano do pós-guerra representa uma Alemanha em ruínas, aparecendo estas como alegoria ou cenário de recordação traumática da violência do seu passado recente (cap. 3); a forma como no cinema a mulher tem vindo a ser simbolicamente figurada como a superfície que permite o retorno do viajante e simultaneamente o local para onde ele volta (cap. 4); como na fotografia de Rosler o lar aparece enquanto fantasia bélica, assumindo a fotografia artística um mandato que ultrapassa as restrições ao exercício de uma cidadania crítica do jornalismo a favor do mandato crítico do artista (cap. 5); e, finalmente, como a projeção visual da violência no discurso cinematográfico bélico provoca um efeito de comunicação no público em que o antagonismo construído no ecrã resulta fundamentalmente do jogo da semelhança e não da diferença, o que implica a exigência de uma literacia visual em que a complexidade das imagens de guerra possa ser lida para além do consenso do hostil (cap. 6).

O conjunto de reflexões proporcionadas por estes ensaios apontam para o desenvolvimento de uma literacia visual que permita compreender a singularidade dos sistemas visuais (fotografia, pintura, cinema imagem digital) no seu contexto histórico-social e na especificidade do modelo de mediação e, simultaneamente, discernir "o modo como os produtos visuais negociam com o sistema cultural envolvente, como dele recebem energias e, por sua vez, criam cultura" (p. 12). Entendendo as imagens como criações complexas que não se podem definir por uma suposta transparência ou verdade, o projeto de uma literacia visual, tal como Isabel Gil o concebe, estrutura-se através de uma conceção linguística que não estabeleça uma hierarquia entre texto e imagem, numa perspetiva transdisciplinar, simultaneamente contigente e processual; em que a perceção é pensada como interrelação e a imagem como objeto interpelante; que permita estudar o presente, mas que se debruce também de forma informada sobre o passado; e, por último, que se assuma como estratégia de cidadania (pp. 24-30).

No último filme documentário da trilogia de Andrei Ujica sobre a queda do comunismo, *Autobiografia de Nicolae Ceausescu* (2010), o realizador romeno procura, através de uma operação de montagem que pode ser vista como de desmontagem e remontagem, virar as imagens forjadas pelo poder contra si mesmas, oferecendo-lhes a possibilidade de desmentirem os nexos de sentido que o poder lhes quis imputar. James W. Carey um dos mais originais fundadores dos *cultural studies* norte-americanos, referia-se ao estado presente da cultura moderna como "o caos da cultura moderna", fazendo um diagnóstico de uma certa ordem introduzida pela opulência do discurso e da imagem produzida tecnologicamente (Carey, 2009 [1989]: 27). Isabel Gil, à semelhança de Ujica procura também, mais do que insistir numa análise do estado das coisas, descodificar e recodificar universos de imagens a favor da legibilidade do real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAREY, J. W. 2009 [1989]. *Communication as Culture. Essays on Media and Society*. Revised Edition, Nova Iorque e Londres: Routledge.
- BOORSTEIN, D. J. 1962. *The Image, or What Happen to the American Dream*, Nova Iorque: Atheneum.
- BOUGNOUX, D. 2006. *La Crise de la Représentation*. Paris: La Découverte.
- CAREY, J. W. 2009 [1989]. *Communication as Culture. Essays on Media and Society*. Revised Edition. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- DEBRAY, R. 1992. *Vie et Mort de l'Image. Une Histoire du Regard en Occident*. Paris: Gallimard.
- DIDI-HUBERMAN, G. 2003. *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKYM.
- HARIMAN, R. e J. L. Lucaites. 2007. *No Caption Needed. Iconic Photographs, Public Culture and Liberal Democracy*. Chicago: Chicago University Press.
- HUYGHE, R. 2009 [1965]. *O Poder da Imagem*. Lisboa. Edições 70.
- JAY, M. 1993. *Downcast Eyes: The Denigration of Vision in Twentieth-Century French Thought*. Berkeley: University of California Press.
- JAY, M. e T. Brennan. 1996. *Vision in Context: Historical and Contemporary Perspectives on Sight*. Nova Iorque: Routledge.
- MITCHELL, W. J. T. 2005. *What do Pictures Want? Essays on the Lives and Loves of Images*. Chicago: University of Chicago Press.
- MITCHELL, W. J. T. 1994. *Picture Theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- MITCHELL, W. J. T. 1980. *The Language of Images*. Chicago: University of Chicago Press.
- POLLOCK, G. e A. Bryant. 2010. *Digital and other Virtualities: Renegotiating the Image*. Londres e Nova Iorque, I. B. Tauris & Co. Ltd.
- SMITH, M. 2008. *Visual Culture Studies: Interviews with Key Thinkers*. Londres, Sage.
- STOICHITA, V. I. 2011[2008]. *O Efeito Pigmeleão. Para uma Antropologia Histórica dos Simulacros*. Lisboa: KKYM.
- WARBURG, A. 2011[1893]. *Sandro-Botticelli. O Nascimento de Vénus e a primavera*. Lisboa. KKYM.
- VAN Dijk, J. et. al. 2003. *The Image Society. Essays on Visual Culture*. Rotterdam: NAI Publishers.
- ZELIZER, B. 2010. *About to Die. How News Images Move the Public*. Oxford: Oxford University Press.
- ZELIZER, B. 1998. *Remembering to Forget. Memory through the Camera's Eye*. Chicago: University of Chicago Press.